

## A heterogeneidade linguística em Porto Velho – uma proposta para o ensino de língua portuguesa

Celia Regina Lopes Feitoza  
E-mail: ms.reginalopes@gmail.com  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

### Resumo

O presente artigo aborda a variação linguística e o multiculturalismo em sala de aula em Porto Velho, partindo de uma análise bibliográfica e de pesquisa sociolinguística. Tal fenômeno é decorrente dos processos migratórios pelos quais a região passou ao longo das décadas. Pretendo promover discussões acerca do assunto a fim de elaborar uma proposta de ensino de Língua Portuguesa que não privilegie um falar em detrimento de outro, mas que utilize como ferramenta de ensino todos os falares portovelhenses, para ampliar a competência linguística de cada indivíduo, promovendo o encontro, não o choque de culturas.

**Palavras-chave:** variação linguística, processos migratórios, multiculturalismo, sociolinguística, língua portuguesa.

### Introdução

“Em tempos de choques culturais e intolerância crescente quanto àqueles percebidos como "diferentes", a educação e a formação de professores não pode mais se omitir quanto à questão multicultural. Narrar nossas experiências, dialogar com movimentos sociais e com práticas efetivadas nessa linha, assim como incrementar nossas pesquisas sobre o currículo multicultural são, sem dúvida, alguns caminhos promissores para a concretização desse ideal”.

Ana Canem

Sob a ótica da realidade de Rondônia, há perceptivelmente, a necessidade de formação de um Estado multicultural, que não se sobreponha aos demais migrantes, sejam indígenas, nordestinos, sulistas etc., mas que

favoreça a cidadania de todos os povos respeitando-os em suas respectivas culturas, crenças, línguas. A escola tem uma grande responsabilidade e oportunidade nas mãos: promover o “encontro” e não o “choque” de culturas, a fim de formalizar um estudo pautado na interação dos grupos de indivíduos conscientes de seu papel em busca da cidadania.

Compreendendo multiculturalismo como as estratégias e políticas usadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade em sociedades multiculturais, pretende-se formular uma proposta de ensino, passando pelo alargamento das discussões acerca do currículo, para que este seja adaptável à realidade de cada grupo de falantes.

Conforme dados históricos, Rondônia recebeu uma vasta população de nordestinos, sobretudo cearenses em seu processo de colonização. Para tanto, utilizamos os falares nordestinos como ferramenta para ampliar a competência linguística de cada educando. Assim, não se estabelece a cultura do ‘erro’ mas da influência do seu grupo de fala, para que o ensino de língua materna seja incluyente dessa realidade.

O referido trabalho propõe um estudo teórico dos conceitos de linguagem, variações linguísticas, bem como uma abordagem histórica dos ciclos migratórios e suas influências no âmbito econômico, político e social, que gera o multiculturalismo na sala de aula para o qual apresento uma proposta de ensino utilizando o poeta popular cearense Patativa do Assaré, como ponto de partida.

### **Caminhos e encontros: fazer Rondônia x refazer-se em Rondônia**

*Em riba do carro se junta a famia;  
Chegou o triste dia,  
Já vai viajá.  
A seca terrive, que tudo devora,  
Lhe bota pra fora  
Da terra natá.*

*Patativa do Assaré*

Passado a categoria de estado em 1981, o antigo Território do Guaporé transformou-se em Rondônia, cheia de matizes culturais variados, dada a formação do povo que ai vive. Segundo o Censo 1991, aproximadamente 62%



**Figura 2: Militares (5º BEC) assumem a construção da BR 364**



Entretanto, é bem antes da construção da BR 364 que se estabelece a capital do estado em Porto Velho conforme a lei nº 757 de 2 de outubro de 1914. Iniciado o povoamento da localidade por volta de 1907 com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré acordada entre Brasil e Bolívia no Tratado de Petrópolis, com o objetivo de escoar a produção para a Europa e Estados Unidos, o que por via fluvial era impossível em virtude das cachoeiras dos dois rios. Neste período, foram registradas diversas imigrações como ingleses, norteamericanos, caribenhos, asiáticos, dentre outros.

Ao longo de seu desenvolvimento, a região vem registrando um contingente populacional acima da média da região norte e até mesmo do Brasil, atestado pelos dados estatísticos da figura 3. É a partir da década de 70, que Rondônia começa a receber maior número de migrantes, inicialmente os migrantes se estabeleciam em maior número na zona rural e somente em 1996 é que começam a fixar moradia mais no meio urbano, conforme a figura 4:

**Figura 3: Crescimento populacional de Rondônia em relação à região e ao país**

PERÍODO	RONDÔNIA (%)	REGIÃO NORTE (%)	BRASIL (%)
1950/1960	6.89	3.34	22.99
1960/1970	4.76	3.47	2.89
1970/1980	16.03	5.02	2.48
1980/1991	7	5.12	1.93

Fonte: IBGE

**Crescimento Populacional em Rondônia**  
**Figura 4: Contagem de População/2003 (IBGE)**

ANO	RURAL	URBANO	TOTAL
1950	23.119	13.816	36.935
1960	39.606	30.626	70.232
1970	51.500	59.564	111.064
1980	262.530	228.539	491.069
1996	466.561	762.755	1.229306
2003(*)	/	/	1.431.777

Fonte: IBGE

Definimos como foco deste estudo, a década de 70 e anos seguintes. Quem são/foram esses migrantes que se estabeleceram em Porto Velho? Quais eram seus costumes? Suas culturas? Como falavam? Que influências ainda exercem sobre a comunidade linguística rondoniana?

O novo contingente populacional na década de 70, conta com o incentivo a grandes projetos agropecuários, abertura de estradas, a zona franca de Manaus, colonização dirigida tudo em favor da integração da região ao restante do país. o Nordeste garantiu 35,4%, constituindo-se no fluxo mais importante em direção à Região Norte, com um volume de aproximadamente 300 mil pessoas.

É notório afirmar que a vinda desses imigrantes não foi espontânea. O governo em grande parte do país divulgava a oportunidade de se fazer um Estado perfeito, com terras férteis e água em abundância, grandes obras e a possibilidade latente de reforma agrária, aliando os homens sem terra à terra sem homens, o que na verdade escondia muitas dificuldades que ali encontrariam. O novo eldorado brasileiro resolveria conflitos de terras no sul e o dilema da seca no nordeste.

Esses processos migratórios viram nascer um caldeirão cultural, dada a heterogeneidade da capital de Rondônia. Os falares dessa população

nordestina, que chega à escola trazendo na mochila suas crenças, anseios, dores e delícias e principalmente os seus falares, constituem nosso principal objeto de estudo.

### Linguagem e ensino de língua materna

*“Toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas. É uma roseira que, quanto mais a gente vai podando, flores mais bonitas vão dando”.*

*Bagno*

A Língua Portuguesa, saindo do seu berço é, já aí, cheia de variações dadas as influências de outros falares; Chegando ao Brasil, depara-se com outros ecossistemas linguísticos e mais uma vez vai mesclando-se. Dessa forma a língua é alvo de contínua transformação.

A capacidade que os animais possuem de produzirem sons inflexíveis e limitados para se comunicarem para alguns estudiosos como Ernani Terra (2002:12) não constitui um tipo de linguagem por não haver desenvolvimento. Por exemplo, a linguagem das abelhas é restrita a dois únicos aspectos: abrigo e comida. Ao contrário, a humana é um produto cultural, não aprendida, transmitida hereditariamente, fazendo parte da natureza biológica e se expande. Desde que a Linguística passou a ser uma ciência autônoma e começou a estudar a linguagem, sociólogos, filósofos e linguístas enfatizam que a posse da linguagem é o que mais distingue o homem dos demais animais. Confirmando esta afirmação, MAIA diz que:

A linguagem faz parte do ser humano e, conseqüentemente, da sociedade. Pois, compreende todo um sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação. Existindo assim, inúmeras linguagens: a linguagem dos surdos-mudos, a linguagem das bandeiras em corridas de automóveis, a linguagem do sinal de trânsito, a língua que falamos etc. Costuma-se dividir a linguagem em **verbal**, aquela cujos sinais utilizados para atos de comunicação são as palavras, e **não-verbal**, aquela que utiliza para a comunicação outros sinais que não são palavras. (2006, p.40 apud LYONS1987, p. 22).

Definindo a língua como um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas para permitir o exercício

dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE,1916/1976:17 apud MELO:34) Saussure deixa claro que a língua é uma instituição social e uma representação do coletivo. O ato de se comunicar é uma interação social. Mesmo que o Estruturalismo tenha posto em posições antagônicas *langue* (sistema) e *parole*(fala),sincronia e diacronia, a língua é um aspecto da linguagem. Um sistema de natureza gramatical pertencente a um grupo de pessoas, formando um conjunto de sinais (palavras) e por um conjunto de regras para a combinação destes. É, portanto, no dizer de Terra (2002:13) uma instituição social de caráter abstrato, exterior aos indivíduos que a utilizam, que somente se concretiza na fala, que é um ato individual de vontade e inteligência.

### **A linguagem e suas variações**

*“Sabe aquela sinfonia em que cada instrumento, seguindo um único acorde, mas cada qual no seu próprio tom? Eis a nossa língua Portuguesa e nossos vários falares”.*

*Celia Regina Lopes Feitoza*

O novo campo interdisciplinar da Linguística que é a Sociolinguística, estuda como a linguagem se relaciona com a sociedade e sua cultura voltando-se para as variações linguísticas e sociais. Sendo língua e sociedade indissolúveis, “é fato empiricamente obvio que nenhuma língua se apresenta como um sistema rígido e uniforme”(Melo,2010:36).Assim, Einer Haugen(1972 apud Melo 2010:36) diz que uma língua completa possui estilos formais e informais, sotaques regionais e jargões profissionais que não destroem sua unidade. Neste sentido, Trudgill(1974,apud melo 2010:36) afirma que a língua não é um simples código usado da mesma maneira por todas as pessoas. Já Robins enfatiza que:

Dentro do domínio geralmente reconhecido de uma língua, muitas diferenças claramente observáveis de pronúncia, gramática e vocabulário não estão misturados ao acaso, mas ocupam diferentes regiões dentro do território, mesclando-se continuamente umas às outras. (1977:74 apud Melo:37).

O campo privilegiado da variação é a fala. O desenho a seguir tenta mostrar a relação entre linguagem, língua e fala que, não se dissociam da sociedade, cultura e território dos falantes.

Neste trabalho tratamos a língua portuguesa do Brasil a qual mesmo possuindo um código escrito e literatura comum, apresenta muitas variações. Robins (1977,apud MELO:37) estabelece três critérios para definir o que vem a ser uma variação: i) formas de fala diferente, mas inteligíveis sem aprendizado especial; ii) formas de falas de falantes que compartilham uma área politicamente unificadas, e iii) formas de fala de falantes que compartilham um sistema de escrita e uma literatura comuns. Baseado nestes critérios de Robins, Melo (2010:38) diz que as variedades regionais, são dialetos do português falado no Brasil, pois apresenta diferenças que podem ser perfeitamente compreendida pelos falantes das diversas regiões, excetos algumas particularidades lexicais.

Devido a grande extensão territorial e estratificação social de sua população o Brasil é considerado um país monolíngue, mas tem muitas variedades na fala. Melo(:39) as classifica em: i) **variedade padrão**; ii) **variedade regional**; iii)**variedade social**; e iv) **variedade funcional**. Começamos pela **variedade padrão** que é a estabelecida nas revisões gramaticais, codificada, ensinada na escola com a função de unificar os demais dialetos do país, também chamada de norma culta, pois carrega o mito da homogeneidade linguística e status social. **A variedade regional**, que não se restringe aos limites políticos, são os diferentes falares que caracterizam cada região, os dialetos. Os dialetos não são rigidamente codificados e na maioria nem possuem tradição literária. Exceções no Brasil são as poesias de Patativa do Assaré, a linguagem literária de Guimarães Rosa e algumas expressões dentro de algumas músicas. Embora o Brasil ainda não possua, ainda, um mapa dialetal completo, já em 1953, Antenor Nascentes, apresentou uma divisão das áreas linguísticas do Brasil da seguinte forma: o dialeto do Norte, que abarca os dialetos amazônico e nordestino, e o dialeto do Sul que compreende os dialetos baiano, fluminense, mineiro e sulista. **A variedade social** corresponde às falas de determinados grupos sociais que compõem uma comunidade linguística, os socioletos. São falas convencionais motivadas

sociopoliticamente, subjugadas a uma escala de avaliação de prestígio por outros grupos sociais. No Brasil torna-se difícil distinguir a variedade social linguística, pois não há fronteira entre a língua da classe média, baixa ou alta. Todas as classes, na oralidade, não usam a variedade padrão. **A variedade funcional** conhecida também como jargão, são expressões parte do repertório verbal de interações específicas, linguagens técnicas ligadas aos processos sociais. Por exemplo, a linguagem entre os grupos de médicos, matemáticos num específico contexto e situação.

O presente trabalho tem o seu interesse nos dialetos como variedades regionais de fala, marcados pelos traços de pronúncia, e as atitudes que os membros da comunidade de fala portovelhense têm com relação a essas variedades. As atitudes linguísticas, do latim *aptitudinem* atitude, através do italiano *attitudine*, maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a grupos, questões, outros seres humanos, ou a acontecimentos ocorridos em nosso meio circundante, segundo Bentes e Mussalim (2003:29)constituem o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os dos outros. Cada grupo de falante tem sua postura linguística avaliativa, da sua fala e da dos demais, em todas as sociedades e épocas. Tal postura podendo ser positiva ou negativa, mas nunca neutra. Por seus estudos (1983) Bourdieu afirma que uma língua vale o que valem aqueles que a falam e que as línguas não se equivalem socialmente. No Brasil, isto se evidencia nas atitudes linguísticas quanto às variantes. Há uma tendência de supervalorização de determinada variante proveniente da região economicamente mais desenvolvida.

### **Varição linguística e multiculturalismo na sala de aula**

*Eu nunca falei à toa.  
Sou um cabôco rocêro,  
Que sempre das coisa boa  
Eu tive um certo tempero.  
Não falo mal de ninguém,  
Mas vejo que o mundo tem  
Gente que não sabe amá,  
Não sabe fazê carinho,  
Não qué bem a passarinho,  
Não gosta dos animá.*

*Patativa do Assaré*

Atendo-nos ao Estado de Rondônia, encontramos dificuldade em delimitar os falares locais, já que, de acordo com historiadores, foram vários os processos migratórios ao longo de sua evolução, passando pelo ciclo da borracha e a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, os garimpos de cassiterita e pedras preciosas, a abertura da BR-364 até a colonização recente. Assim, não é de se estranhar tamanha mistura de falares, costumes, crenças etc.

Um Estado genuinamente multicultural reconhece que os cidadãos não só são diferentes na sua língua e cultura, mas também são diferentes em muitos aspectos, e em seguida, relacionar com o Estado em diversas formas e com diferentes formas de multiculturalidade que pertencem ao Estado. Esta verdade, não é reconhecida em nossa sociedade, e portanto, não é observada com mais empenho por parte da educação formal. Deste ponto de vista, então, uma parte importante de qualquer teoria da cidadania cultural é incutir níveis elevados de habilidades e competências interculturais. Devemos incentivar as pessoas a ter a capacidade e o desejo de buscar interações com membros de outros grupos, de ser curioso sobre o resto do mundo e aprender sobre os hábitos e crenças de outras pessoas.

Conforme a Declaração dos Direitos Linguísticos as pessoas que se deslocam e fixam residência numa comunidade linguística diferente da sua tem o direito e o dever de manter com ela uma relação de integração, podendo conservar as características culturais de origem, ao mesmo tempo que compartilham com a sociedade que as acolhem as referências, os valores e os comportamentos que permitirão um funcionamento social global, sem maiores dificuldades. Nesse contexto a pesquisa sociolinguística surge como princípio norteador de uma prática educativa pautada na realidade do aluno em suas raízes etnolinguísticas, para conhecimentos multiculturais e plurilíngues, contribuindo assim para extinguir ou pelo menos diminuir o preconceito linguístico. A tradição cultural nega a existência de determinadas variedades linguísticas dentro do país, o que acaba por rejeitar algumas manifestações

linguísticas por considerá-las deficiências do usuário. Nesse sentido, vários mitos são construídos, a partir do preconceito linguístico.

Embora tão constantes e presentes no cotidiano escolar, as variações linguísticas não são (salvos raros casos) utilizadas como fonte para ampliação da competência comunicacional dos educandos. Poderíamos citar alguns prováveis fatores que atestam tal afirmação. Os livros didáticos, por exemplo, dão pouca ou nenhuma importância ao tema. Nos casos abordados, o assunto é tomado apenas como regionalismos ou marcas de pessoas não escolarizadas, o que acaba atenuando a noção de preconceito. De nada adianta aceitar o aluno como ele é, mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente.

No plano de ensino de Língua Portuguesa deve constar a dicotomia língua falada-escrita. Posto que na escrita requer todo o respaldo da norma padrão, ao passo que se torna flexível em contextos comunicacionais da fala, independentemente da posição social, escolaridade, sexo ou região de origem. É perfeitamente aceitável, que um falante que domina o padrão formal da língua, na escrita formalizar '*Vou ao banheiro*', e na fala '*vou no banheiro*', bem como outros inúmeros casos, em que a variante assume papel importante para identificar marcas linguísticas identitárias de cada falante.

Diante desse quadro, o ensino de língua materna deve levar em conta que os sujeitos inseridos no processo de ensino e aprendizagem, devem ter consciência de que qualquer língua, entre elas a portuguesa, comporta um grande número de variedades que devem ser respeitadas, bem como propiciar que cada aluno participe de diversas situações de discurso na fala ou na escrita, para que tenha oportunidade de avaliar a adequação das variedades linguísticas às circunstâncias comunicativas (PRETI, 2004).

Recente polêmica foi levantada sobre a variação linguística nas aulas de português e/ou no livro didático. Trazendo como carro chefe estampado numa revista de grande circulação no país a manchete 'Os adversários do Bom Português', referindo-se aos linguistas. Estes estariam fazendo apologia ao 'erro' e são denominados 'talibãs da linguística no Brasil. Ao que os 'acusados' defenderam-se, capitaneados por Bagno:

Nenhum linguísta sério, brasileiro ou estrangeiro, jamais disse ou escreveu que os estudantes usuários de variedades linguísticas mais distantes das normas urbanas de prestígio deveriam permanecer ali, fechados em sua comunidade, em sua cultura e em sua língua. O que esses profissionais vêm tentando fazer as pessoas entenderem é que defender uma coisa não significa automaticamente combater a outra. Defender o respeito à variedade linguística dos estudantes não significa que não cabe à escola introduzi-los ao mundo da cultura letrada e aos discursos que ela aciona. Cabe à escola ensinar aos alunos o que eles não sabem! Parece óbvio, mas é preciso repetir isso a todo momento.

Ainda conforme o autor a expressão "*isso é para mim tomar?*" porque essa regra gramatical já faz parte da língua materna de 99% dos nossos compatriotas. O que é preciso ensinar é a forma "*isso é para eu tomar?*" porque ela não faz parte da gramática da maioria dos falantes de português brasileiro, mas, é dever da escola apresentar essa outra regra aos alunos, de modo que eles – se julgarem pertinente, adequado e necessário – possam vir a usá-la.

Recebendo uma gama enorme de migrantes de outros estados, principalmente nordestinos, a capital rondoniense Porto velho, consiste num caldeirão cultural, que desemboca na escola. E como os professores de língua materna tem tratado o assunto? Que aporte teórico acerca de multiculturalismo tem pautado a organização dos currículos escolares? Muitas vezes sem respostas, o professor e profissionais da educação podem e devem olhar com mais presteza o aluno de uma cultura diferente da sua. Não para identificar traços de distinção e semelhança, mas para favorecer o encontro, não o choque de culturas. Dessa forma, segue uma proposta utilizando Patativa do Assaré, sempre lembrado quando o assunto é tratado:

### O Poeta da Roça

Sou fio das mata, canto da mão grossa,  
Trabáio na roça, de inverno e de estio.  
A minha chupana é tapada de barro,  
Só fumo cigarro de paia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé  
De argun menestré, ou errante cantô  
Que veve vagando, com sua viola,  
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,  
Apenas eu sei o meu nome assiná.  
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,  
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,  
Não entra na praça, no rico salão,  
Meu verso só entra no campo e na roça  
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,  
Da lida pesada, das roça e dos eito.  
E í s vez, recordando a feliz mocidade,  
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabico com suas caçada,  
Nas noite assombrada que tudo apavora,  
Por dentro da mata, com tanta corage  
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de ciro,  
Brigando com o tiro no mato fechado,  
Que pega na ponta do brabo novio,  
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,  
Coberto de trapo e mochila na mão,  
Que chora pedindo o socorro dos home,  
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,  
Eu vivo contente e feliz com a sorte,  
Morando no campo, sem vê a cidade,  
Cantando as verdade das coisa do Norte.

Antonio Gonçalves da Silva, dito Patativa do Assaré só passou seis meses na escola. Isso não o impediu de ser considerado, hoje, o maior poeta popular do Brasil, e alvo de estudos em pelo menos três universidades européias. Não teve estudo, mas discutia com maestria a arte de versejar. Ele

assegura que só se interessava por livros de histórias e conhecimentos gerais, mas que só os lia para garantir os conhecimentos sobre os quais trabalharia em forma de poesia.

Às vésperas dos noventa anos, em uma reportagem ao professor e pesquisador Carvalho (1999, p. 01) Patativa do Assaré declara: de escola, eu passei apenas seis meses, somente. Com seis meses eu aprendi a ler, então, dali por diante, meus professores foram os livros, viu? Com essa constante leitura, esse vocabulário, embora pobre que eu tenho. Está sendo estudado na Universidade de Sorbone, na cadeira de Literatura Popular Universal. Para chegar onde chegou, tinha uma receita prosaica: dizia que para ser poeta não era preciso ser professor. Basta, no mês de maio, recolher um poema em cada flor brotada nas árvores do seu sertão. “O que ele propõe na verdade, é que cada um deve cantar o que conhece e o que vivenciou, mas nenhum canto pode ter fronteiras” (CARVALHO, 2001, p. 79).

A obra de Patativa significa uma verdadeira quebra de paradigmas numa instituição contrária a estudos de obras fora do perfil erudito ou clássico. Não se pretende, evidentemente, afirmar que a questão lingüística discutida esgota todas as dificuldades relativas à aprendizagem da língua materna e explica todas as razões do fracasso da escola. Na formulação de Bagno:

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer BUNITO, ou BONITO, mas que se só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como uma partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu, particular. (2003, p. 52-53)

Acreditando nisto, apresentamos algumas sugestões metodológicas para que o ensino da língua materna seja mais prazeroso e eficaz: Inicialmente, o professor deve apresentar aos alunos, os mais variados tipos de textos: técnico (jornalístico, jurídico), literário (poesia clássica, poesia popular), carta, charge, história em quadrinho, propaganda, receitas, etc., para que o

aluno perceba os diferentes níveis de linguagem presentes nos textos e saiba utilizá-los conforme a situação.

Dessa forma, tem-se embasamento para o próximo passo, no qual o professor trabalhará com a modalidade oral da língua. Começando pela produção textual, com um tema do dia-a-dia do aluno, em seguida, este aluno contaria a sua história, sem utilizar o texto que produziu; o professor gravaria essa história. Logo após, toda a turma escutaria a gravação e em grupo, faria a comparação entre a escrita e a fala.

Verificadas as diferenças entre escrita e fala, os alunos teriam a oportunidade de conhecer a literatura de cordel, poesia popular nordestina, embasada na modalidade oral da língua, juntamente com o professor, que apresentaria também autores de Cordel, destacando Patativa do Assaré, sua bibliografia e principais poesias, que seriam declamadas em um recital de poesia pelos alunos.

Poderiam ser desenvolvidas, ainda, atividades dinâmicas, como oficina de cordel, paródias e paráfrases das poesias patativanas, pesquisas sobre o preconceito à literatura de cordel, que seria apresentada à comunidade numa exposição cultural. Elaborar com os alunos um paralelo entre o falar rural e o seu correspondente no falar urbano, tomando como exemplo adaptado, a sugestão de Bortoni-Ricardo, 2004, p. 46:

<b>VARIANTES PRÓPRIAS DOS FALARES RURAIS</b>	<b>VARIANTES PRÓPRIAS DOS FALARES URBANOS</b>
Dotô	Doutor
Quisé	Quiser
Óio	Olho
Impussive	Impossível
Proquê	Porque
Isquicido	Esquecido
Home	Homem
Veve	Vive
Sodade	Saudade
Rocêro	Roceiro

### **Considerações finais**

Ao final deste trabalho, conclui-se que os caminhos que tem norteado o ensino da língua materna foram, por vezes, sinuosos e obscuros, sendo confundido com o ensino de gramática descontextualizada e oferecida aos alunos como modelo único, acabado, pronto para ser reproduzido, sob o risco freqüente de serem excluídos do contexto sociocultural pela desvalorização da sua competência lingüística. Não se pretendendo aqui, solucionar o assunto, mas partir de uma pesquisa consistente e precisa, para formular políticas linguísticas que privilegiem ao multiculturalismo dentro do currículo escolar.

Ensinar Português em Porto Velho é passar pelo crivo de uma consciência de variação linguística, pois na mesma sala, podemos perceber pelos próprios sotaques e depois por pesquisa mais elaborada, a gama de estados ali representados. Dependendo da forma que esse ensino for conduzido, servirá como repetidos de arraigado preconceito linguístico ou de contatos saudáveis das culturas que fizeram que fazem a cidade.

A diferença surge quando educadores “angustiados” tentam ir além da gramática, buscam valorizar os falares de seus alunos e vêem na diversidade de textos, uma forma de favorecer e tornar mais abrangente a sua competência comunicativa. O falar do sertanejo, suas crenças, seus sonhos, suas esperanças são exemplos de assuntos a serem abordados juntamente com o cordel em sala de aula, possibilitando a interdisciplinaridade; Isso além de valorizar os falares do Brasil, efetiva e enriquece a comunicação em língua materna, já que não é um falante, não é uma comunidade, não é uma região, são milhares de lusófonos que utilizam termos “não padrão”, e que por isso sofrem arraigados preconceitos sociais. Resta aos educadores, empenharem-se em atenuar e até eximir este preconceito de nossas escolas e, conseqüentemente, da nossa sociedade.

Para tanto, faz-se necessário compreender o processo de formação do Estado, seus idealizadores, colonizadores etc. a fim de conhecer a origem do falar de cada educando e assim pautar o ensino na real necessidade da comunidade em que está inserido.

### Referências bibliográficas

- ASSARÉ, Patativa. *Cante Lá Que Eu Canto Cá: Filosofia de um Trovador Nordestino*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BAGNO, Marcos. *A Norma Oculta: Língua e Poder na Sociedade Brasileira*. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz*. 26 ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- BETTI, Renata. LIMA, Roberta A. (2011, 25 de maio) Os adversários do bom português. Revista Veja, p. 86.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMARA Jr., J. M. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- CARVALHO, Gilmar. *Patativa do Assaré*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.
- CARVALHO, Gilmar. *O poeta diante do espelho*. Diário do Nordeste. Fortaleza, caderno 3. p.1, março de 1999.
- DUBOIS, J *et al*. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GURGEL, Nair. *Variação Linguística, Ciência e Preconceito*. Diário da Amazônia, Porto Velho: Edufro, 2011.
- MAIA, Marcos. *Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem*. Coleção Educação para Todos, Brasília: Museu Nacional, 2006.
- MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MELO, Djalma Cavalcante. *Atitudes linguísticas com relação a sotaques regionais no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Geografia de Rondônia: Espaço & Produção*. Porto velho: Dinâmica, 1985.
- PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro, a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TEIXEIRA, Marco Antonio. FONSECA, Dante Ribeiro. *História regional: Rondônia*. Porto Velho: Rondoniana, 2001.
- TERRA, Ernani. *Relações de interdependência entre a oralidade e a escrita*. Rio de Janeiro: Artmed, 2009.